

O PAPEL COGNITIVO NAS CONDICIONAIS [SE CASO, P Q] E [SE, POR ACASO P Q] DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Karla Conrado dos Santos (UFRJ)

conradokarla@yahoo.com.br

Lilian Ferrari (UFRJ)

lilianferrari@uol.com.br

Esse trabalho busca delimitar e descrever os mecanismos cognitivos ativados pelas condicionais [se caso, P, Q] e em seguida contrastar a condicional [se caso, P, Q] com a [se, por acaso, P, Q], para que se possa retirar a margem de igualdade que poderia aparecer entre estas duas construções. Fundamentamo-nos na linguística cognitiva, defendendo que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição; na categorização, que é o agrupamento de entidades semelhantes em classes específicas; nas teorias dos espaços mentais, que são domínios conceituais que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado; e na gramática de construções, propondo que as expressões linguísticas constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre forma e significado. A metodologia parte do banco de dados da fala espontânea do português brasileiro e sites da internet. O objeto é delimitar as diversas motivações através de condições, perguntas que os falantes fazem ao usar “se caso” e “se por acaso”, expressando diferentes significados. Também se pergunta: por que foi preciso ter novas palavras para expressar um mesmo valor “condicional” na língua, já que há o “se” e o “caso”? Logo há uma pequena e primeira análise (que a partir de novos dados vão se complementando e criando negações, o que leva a várias interpretações) que seria: [se caso, P, Q] – resultado de uma mesclagem conceptual, que é trazido pelos significados semânticos das condicionais “se” e “caso”, obtendo as marcas possível/provável/indesejável, ou possível/imprevisível, ou provável/possível/imprevisível. Já no caso de [se, por acaso, P, Q] ocorre uma atenuação da neutralidade trazida pelo “se”, que traz menos probabilidade, sendo, portanto, uma variante de “se”.